

Org. Johnny Lima

O Que Você Precisa Saber
Sobre Jesus

Vol. 8



Ministério de Ensino Yahweh

Este estudo foi organizado por Johnny Lima para aprofundar o conhecimento daqueles que querem entender sobre questões que dizem respeito às coisas de Deus, isto é, um guia de estudo para todos aqueles que querem conhecer a verdade em Cristo.

No final dessa obra você encontrará na bibliografia as obras responsáveis pela criação deste guia, ou melhor, as fontes onde foram pesquisadas.



Índice

Introdução	4
I – Quem é Jesus?	5
II – A Vida de Jesus na Terra.....	5
1) O Nascimento de Jesus	6
2) A Crucificação de Jesus.....	8
3) A Morte de Jesus (1 Co 15.3).....	12
4) Ressurreição de Jesus	13
III – Ideias Falsas Sobre Jesus	15
IV – Conhecendo Cristo nos Nomes e Títulos	19
1) Filhos de Deus	19
2) Filho do Homem.....	20
3) Jesus Cristo.....	21
4) Senhor.....	22
V – Jesus de Gênesis à Apocalipse	23
VI – O Que as Igrejas Erradas Atuais Fazem?	25
Conclusão.....	27
Biografia	28

Introdução

Há muitos anos atrás Jesus entrou na raça humana para trazer algo especial do Pai para todos aqueles que quisessem aceitar o dom gratuito de Deus, a vida eterna, a Salvação.

Nos dias atuais essa benção esta a disposição de todos, só é necessário aceitar o que já está feito. Deus não precisa se reconciliar com a humanidade, a humanidade que precisa urgentemente se reconciliar com Ele.

Neste estudo organizado você poderá conhecer um pouco mais sobre Jesus Cristo, e entregar sua vida para Ele, pois não há outra saída ou outro caminho a não ser o Senhor Jesus Cristo (Jo 14.6).

Em Jesus Cristo também há todos os atributos que há em Deus. Jesus é: Onipresente (Ef 1.20-23). Onipotente (Ap 1.8). Onisciente (Jo 21.17) e etc.

Prof. Johnny Lima



Organizado para estudo por
Johnny Lima
Embu das Artes – SP
07/08/2017

Johnny-lima-matosp@outlook.com

I – Quem é Jesus?

Jesus era judeu da linhagem de Davi (Mt 1.1-17), filho de Maria; nasceu em Belém da Judéia (Mt 2.1; Lc 2.4-7). Não devemos confundir Jesus filho de Maria, com o outro Jesus que era companheiro do apóstolo Paulo, que tinha o apelido “justo”(Cl 4.11).

Jesus é tanto o centro da história do mundo como é da doutrina da Bíblia. Ele não é simplesmente um homem, Ele é o Filho de Deus, tudo que Ele falou estava em conexão com o Pai Celeste, e quando dizia: *“Em verdade, em verdade...”* (Jo 1.51). Ele estava confirmando duas vezes que aquilo que Ele estava falando era verdade, ou estava confirmando que aquilo que Ele estava prometendo, iria cumprir, pois sempre ensinou: *“As palavras do cristão é sim, sim, não, não, fora disso parte do maligno”*(Mt 5.37) . Pois a palavra “amém” é uma palavra hebraica que significa “verdade”. Tenha cuidado quando você pronunciar amém é não cumprir, pois se não cumprir, você está mentido, praticando a iniquidade (Mt 7.21-23). Então Jesus é verdade e não mentira (Jo 14.6).

II – A Vida de Jesus na Terra

Jesus foi como qualquer homem no sentido de viver como o homem viveu, porém, sem pecado (Hb 4.15). Cristo foi para os seus contemporâneos o que poderíamos chamar de um personagem controverso. Dificilmente duas pessoas pensariam e diriam a mesma coisa acerca Dele (Mt 11.19; mt 16.13-16).

1) O Nascimento de Jesus

Somente Mateus e Lucas contam o nascimento e a infância de Jesus. Não há registro exato do nascimento de Jesus. O dia natalício de Cristo não foi celebrado senão depois de decorrido mais de 300 anos, assim se perderam os registros sobre o nascimento do mesmo (se houvesse tais registros). Então 25 de Dezembro não tem apoio bíblico. Apareceu primeiro no ocidente, como dia do nascimento de Jesus, no 4º século. No oriente é o dia 06 de janeiro. Assim sendo, por que se celebra o nascimento de Jesus Cristo no dia 25 de Dezembro? Uma festa pagã, natalis invicti, era uma turbulenta ocorrência celebrada no dia 25 de Dezembro, quando o sol entrava no solstício de inverno. Os adoradores do deus sol romano, cheios de entusiasmo arrastavam seus amigos para a festividade. Em 386 dC, os dirigentes da igreja estabeleceram a celebração de “missa de Cristo” (vinda de Cristo), de sorte que os cristãos pudessem participar das atividades festivas sem curvar-se ao paganismo.

Depois de dissolvido o império romano, os cristãos continuaram o costume de comemorar o natalício de Cristo em 25 de dezembro. Naquele tempo, 25 de Dezembro parecia mais apropriado do que qualquer outra data.

Uma coisa se sabe certeza, Jesus não nasceu em 25 de Dezembro, e isso está bem claro nas Escrituras. Quando Jesus nasceu, os pastores estavam no campo (Lc 2.8) isso quer dizer que não era inverno, mas primavera, porque quando era inverno os pastores não ficavam no campo, mas levavam o rebanho para um abrigo, então concluímos que Dezembro naquela região era inverno, se os mesmos estava no campo Jesus nasceu na primavera, em uma só passagem esta data 25 de Dezembro como data do nascimento de Jesus cai por terra.

Outra coisa é importante dizer: os magos não viram Jesus na manjedoura. Deve ter ocorrido quando Jesus tinha entre 40 dias e 2 anos de idade, (Mt 2.16; Lc 2.22,39). Os “2 anos” parecem denotar o tempo quando a estrela primeiro apareceu, (Mt 2.7), época em que os magos empreenderam a viagem, que durou muitos meses; não assinaram necessariamente o tempo exato do nascimento do menino. Herodes, porém, como medida de precaução, aceita o limite extremo.

Pelo menos o menino não estava mais na manjedoura, como tantas vezes se vê em gravuras ou presépios, mas na “casa”(Mt 2.11 ver sobre Lc 2.6,7). Uma coisa percebemos, um dos objetivos dessa visita dos magos, que eles mesmos não souberam, foi prover o dinheiro para a fuga do menino ao Egito. Seus pais eram pobres, e sem o ouro trazido pelos magos não lhes seria possível escapar de Herodes. A estada no Egito foi breve, provavelmente um ano só, ou dois, porque Herodes morreu logo e já não havia perigo em voltar.

Concluimos que os magos não viram Jesus na manjedoura (Mt 2.11), quem viu Jesus na manjedoura foram os pastores (Lc 2. 8-20).

Uma coisa se sabe, Jesus teve irmãos por parte de mãe (Mt 13.55,56; Mc 6.3). Existem pessoas que dizem que Maria não teve outros filhos, mas a declaração em Lucas 2.7 de que ela deu a luz seu filho primogênito. Por que “primogênito”, se não houve outros filhos? Isso é só uma questão, mas temos imenso respeito pela mãe do Salvador.

Como Entender a Fecundação de Jesus?

Todos nós sabemos que para uma criança nascer é necessário que haja um pai e uma mãe, pelo menos é isso que deve acontecer dentro de um caso desses. O homem manda o espermatozóide para o útero, e a mulher com seu óvulo recebe o mesmo. Essa fecundação é chamada pelo o que entendemos de hiloplasmática. “Hilo” = matéria; “Plasmar” = forma, isto é, aquilo que é formado pela matéria, isso quer dizer, que é impossível uma criança nascer sem participação de um pai, porque isso é natural e assim que se deve ser.

No caso de Jesus é diferente, Maria fica grávida, mas não teve relação com homem (Lc 1.34,35), aí acontece algo sobrenatural, Jesus não foi fecundado pelo modo hiloplasmático, mas sim, sua geração foi Bioplasmática, “Bio” = vida, e “Plasmar” que quer dizer forma, isto é, aquilo (corpo) que foi formado pela vida, logo, Jesus foi gerado pela vida.

Com essa explicação entendemos a perfeição absoluta de Jesus, que não foi gerado pela matéria (hiloplasmática), mas gerado pela

vida (bioplasmática), por isso, pode ser auto-entitular de filho de homem. Jesus foi tentado em tudo, mas não pecou (Hb 4.15).

2) A Crucificação de Jesus

Jesus foi crucificado em uma cruz e não em uma estaca como alguns acreditam. A palavra “Stauros”, quer dizer, enforcamento, empalação, estaca e cruz. João Ferreira de Almeida traduziu a palavra grega “stauros” por cruz no português, porque Jesus não foi enforcado, não foi empalado (estaca colocada no ânus do ladrão e enfiado no chão), também não foi pregado em uma estaca, porque na estaca só se coloca “um” prego ou cravo nas mãos juntas na estaca. Jesus foi pregado em uma cruz, porque o contexto histórico dá apoio a palavra cruz. Isso fica claro na declaração de Tomé: “...*Se eu vi nas suas mãos o sinal dos pregos (cravos)...*” (Jo 20.25), então na cruz é possível dois pregos nas mãos e não “um cravo” nas mãos. Também a inscrição com os dizeres: “*Este é Jesus, o Rei dos Judeus*” (Mt 27.37), a inscrição estava sobre a cabeça de Jesus, e não sobre as mãos como o desenho das revistas das Testemunhas de Jeová apresentam.

Julgamento de Jesus (Mt 26.57 – 27.31; Mc 14.53 – 15.20; Lc 22.54 – 23.25; Jo 18.12 – 19.16). Houve dois Julgamentos: diante do Sinédrio e diante de Pilatos, o governador romano. A Judéia estava sujeita a Roma. O sinédrio não podia executar sentença de morte sem o consentimento do governo romano. Houve três etapas em cada julgamento, seis ao todo.

- Diante de Anãs (Jo 18.12-24) cerca de meia-noite Caifás era o sumo sacerdote.
- Diante do Sinédrio, na casa de Caifás (Mt 26.57; Mc 14.53; Lc 22.54; Jo 18.24) Deu-se entre a meia-noite e o clarear do dia. Foi este o principal julgamento da parte dos judeus. Condenaram-no sob a acusação de blasfêmia, por se haver Ele declarado Filho de Deus (Mc 14.61-64), nesta hora o sumo sacerdote rasgou sua roupa. A lei proibia ao sumo sacerdote rasgar suas roupas em um conflito particular (Lv 10.6; 21.10), mas quando atuasse como juiz, as tradições exigiam que ele expressasse deste modo seu horror por qualquer blasfêmia que fosse pronunciada em sua presença. O alívio do juiz está manifesto.

- O dia já claro, o sinédrio ratifica oficialmente sua decisão de meia-noite (Mt 27.1; Mc 15.1; Lc 22.66-71) para lhe dar aparência de lealdade. A verdadeira razão era a inveja que tinham da popularidade de Jesus (Mt 27.18).
- Diante de Pilatos (Mt 27.2, 11-14; Mc 15.1-5; Lc 23.1-5; Jo 18. 28-38) pouco depois de o dia clarear. Jesus não replicou às acusações deles. Pilatos admirou-se. Mandou-o a Herodes, que tinha jurisdição sobre aquela parte do país (ver sobre Mt 27. 11-25).
- Diante de Herodes (Lc 23.6-12). Foi este o Herodes que matara João Batista, e cujo pai assassinara os meninos de Belém. Herodes escarneceu Dele, vestiu-o de uma roupa aparatosa e mandou-o de volta a Pilatos.
- Diante de Pilatos outra vez (Mt 27. 15-26; Mc 15. 6-15; Lc 23. 13-25; Jo 18. 39 -19.16). Quer Jesus estivesse ereto e de boa aparência, como diz uma tradição, quer estivesse de ombros caídos e de aspecto feio, como outra tradição o relata, devia haver algo tão divino que Pilatos não despregava Dele os olhos. O esforço que fez esse governador para se livrar da crucificação de Jesus é uma história de causa dó. Não queria que tal acontecesse. Apelou as autoridades judaicas para Herodes. Depois de Herodes de volta às autoridades. Daí para a multidão. E quando a turba se voltou contra Jesus. Pilatos procurou despertar a comiseração dela, mandando açoitá-lo, na esperança de que ficaria satisfeita com uma parte do castigo, e não exigirão dele que prosseguisse até à crucificação. Falhando nisso, ainda não se dispunha a crucificá-lo, até que os judeus ameaçaram denunciá-lo a Cesar. Somente quando a coisa começou a aparecer que ia custar-lhe a posição de governador da Judéia foi que ele consentiu na morte de Jesus. Lavra a sentença às 6 horas (Jo 19.14). Seis anos depois foi chamado a Roma para se defender da acusação de haver matado sem motivo, um grupo de samaritanos; suídou-se, por isso, conforme consta.

“Caia sobre nós o seu sangue, e sobre nossos filhos” (Mt 27.25). Quão terrivelmente isto se cumpriu!

Jesus foi açoitado (Mt 27.26) uma vítima que seria chicoteada era despida e amarrada a um troco, os carrascos devem ter sido dois,

um de cada lado, e diferente estatura. Então, apanhava sem piedade com um chicote que consistia de várias tiras de couro, cada uma com pedaços pontudos de metal ou ossos e com um peso de chumbo na ponta. Fragmentos de carne eram arrancadas das vítimas, algumas das quais não sobreviviam ao castigo. Depois o escárnio da coroação. Com longos espinhos, mais duros que os de acácia, os algozes entrelaçam uma espécie de capacete e o aplicam sobre a cabeça. Os espinhos penetram no couro cabeludo fazendo-o sangrar (os cirurgiões sabem o quanto sangra o couro cabeludo).

A cruz de Cristo, “Patibulum” a parte horizontal da cruz. Acreditam que pesava 50 quilos, a cruz inteira devia pesar mais de 100 quilos. “Stipes Crucis”, o troco da cruz, porque “stipes” quer dizer troco de árvores. Esta estaca vertical já está plantada sobre o Calvário.

O único problema a resolver está no número dos cravos, três ou quatro? Ou, em outras palavras: foram os pés pregados separadamente ou um sobre o outro, com o mesmo cravo?

Jesus caminha com os pés descalços pelas ruas de terreno irregular, cheias de pedregulhos. O percurso é de cerca de 600 metros. Quando Ele cai por terra, a viga escapa-lhe, escorrega, e esfolia-lhe o dorso.

A crucificação se fazia não nas palmas das mãos, mas nos carpos. Os carrascos pegam um prego (longo, pontudo e quadrado), apóiam-no sobre pulso de Jesus, com um golpe certo de martelo o plantam e o rebatem sobre a madeira. Jesus deve ter contraído o rosto assustadoramente. O nervo mediano foi lesado. O cravo foi introduzido entre oito ossos do pulso, afastando-os levemente. O punho é uma região mal delimitada, intermediária. Intermediária entre a mão e o antebraço, compreende as duas fileiras de ossos do carpo, articulares entre si, mas sua articulação com o antebraço e com o metacarpo. O antebraço termina, e a mão começa na radiocárdiana, acima do carpo.

A fixação dos braços levantados, portanto em posição de inspiração, acarreta relativa imobilidade das costelas e incômodos na respiração, o crucificado tem a impressão de sufocamento progressivo. O coração deverá trabalhar mais, suas pulsações se precipitam e

enfraquece. Seque-se uma certa estagnação nos vasos de todo o corpo. E, carne, por outro lado, a oxigenação se faz mal nos pulmões que funcionam insuficientemente, a sobrecarga de ácidos carbônico provoca excitação das fibras musculares e, como consequência, uma espécie de “estado tetânico de todo o corpo”. Vê-se então, o paciente, com o peito distendido, apresenta todos os sintomas de asfixia. O paciente podia então tomar ponto de apoio nos pés fixados a haste vertical da cruz, soergue todo o corpo e reconduzido para a horizontal os braços que, em virtudes do abaixamento isso falta de ar. Muito reduzido, desta forma, a tração sobre as mãos, diminuía as câibras e, momentaneamente, desaparecia a asfixia pela restituição dos movimentos respiratórios. Depois sobrevivendo a fadiga dos membros inferiores, era o crucificado obrigado a ceder e a asfixia voltava de novo.

A suspensão pelas mãos provoca no crucificado um conjunto de câibras, de contrações que se vão generalizando como acontece a alguém ferido de tétano. Atinge ela, por fim, os músculos inspiradores, impede a expiração; os supliciados, não mais podendo esvaziar os pulmões, morre por asfixia. Pode, no entanto, escapar momentaneamente a consequente asfixia, soerguendo o corpo mediante apoio nos pés. Neste momento, os joelhos e os quadris se alongam, o corpo remota e por conseguinte o ângulo reto primitivo, isto quer dizer que cada vez que quisesse respirar mais livremente ou falar deveria ele assim se erguer sobre os cravos dos pés, por que este esforço? Porque Jesus quer falar: *“Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”*(Lc 23.34). Logo em seguida o corpo começa afrouxar-se de novo, e a asfixia recomeça. Foram transmitidas setes frases pronunciadas por Ele na cruz: cada vez que quer falar, deverá elevar-se tendo como apoio o prego dos pés. Inimaginável! Agora entendemos porque os soldados quebraram as pernas daqueles ladrões que foram pregados junto com Jesus, porque só assim eles não podiam mais se erguer e respirar. Dizem que alguns passavam a até três dias para morrer.

3) A Morte de Jesus (1 Co 15.3)

Jesus não morreu acidentalmente, nem como mártir, também não morreu meramente para exercer influencia moral sobre os homens, nem para manifestar o desprazer de Deus contra o pecado; nem meramente para expressar o amor de Deus pelos homens. A morte de Cristo foi o único recurso que satisfazia plenamente os requisitos necessários à redenção do homem caído. Assim entendemos que a morte de Cristo é universal em seu alcance, mas restrita em sua eficácia, uma vez que somente aqueles que a aceitam é que serão salvos (1Jo 2.2).

Quando Jesus morreu o seu perdão foi oferecido a nós. Porque quando é feita a pergunta: “Por quem foi que Jesus morreu?”. A resposta em geral é: “por mim” ou “pelo mundo”. Então logo em seguida se faz outra pergunta: “mas pra quem mais Ele morreu?”. A resposta quase sempre é: “Não sei”. A resposta que damos: “morreu também para Deus, o Pai”. Isto é descrito em Romanos 3, onde Paulo fala acerca da expiação. Expiação significa, basicamente a satisfação de uma exigência. Com sua morte vem o perdão, mas as pessoas não percebem que sempre que há perdão, é porque houver algum tipo de compensação. Por exemplo: “um amigo vai em casa, esbarra em um vaso, cai e quebra. Eu olho para ele e digo: “Tudo bem amigo, você está perdoado por ter quebrado meu vaso”. Aí surgiu a pergunta: “E quem paga pela perda?”. A resposta é: “Eu pago”. Sempre existe um preço para o perdão, foi isto que Deus fez. Ele disse: “Eu perdô”. Mas estava disposto, Ele próprio, a pagar o preço através do sacrifício na cruz.

O sepultamento de Jesus

O corpo de Jesus, de acordo com o costume dos judeus, foi envolto em uma espécie de lençol de linho. Cerca de cinquenta quilos de especiarias aromáticas, misturas para formar uma substância pastosa, foram aplicados no pano que envolvia seu corpo. Depois que Ele foi depositado num túmulo escavado na rocha sólida, uma pedra bem grande (pesando aproximadamente duas toneladas) foi rolada, por

meio de alavancas, para a entrada da cavidade. O túmulo é uma sala de 4,60m de largura, 3,30m de fundo, 2,50m de altura.

Jesus foi sepultado antes do escurecer na sexta-feira (“o primeiro dia”, visto que os judeus contavam os dias de pôr-do-sol a pôr-do-sol). Seu corpo permaneceu no túmulo desde o escurecer de sexta-feira até ao escurecer do sábado (“o segundo dia”) e desde o escurecer de Sábado até ao amanhecer de Domingo (“o terceiro dia”). Conforme o costume dos judeus, parte de um dia, no começo e no fim de um período, era contada como um dia. Um destacamento romano composto de homens treinados numa rígida ficou de guarda à porta do sepulcro. Esta guarda fixou no túmulo o sinete romano. A finalidade daquele lacre era evitar o vandalismo. Qualquer que tentasse remover a pedra do túmulo teria que quebrar o selo, e incorreria na ira da lei romana.

Na manhã do terceiro dia os soldados atônitos sentiram a terra tremer e viram um anjo rolar a pedra que selava o túmulo. Fugiram da cena.

4) Ressurreição de Jesus

A ressurreição se deu no terceiro dia, mas existem muitas ideias contra a ressurreição de Jesus.

a) Seria Outro Túmulo? (Kirsopp Lake)

Um estudioso sugeriu que as mulheres que relataram o desaparecimento do corpo teriam ido a outro túmulo. Se assim foi, os discípulos que foram averiguar a afirmação das mulheres, também devem ter indo ao túmulo errado também? Contudo, podemos estar certo de um fato: as autoridades judaicas, que haviam solicitado uma guarda romana para vigiar o túmulo, a fim de evitar que o corpo fosse roubado, não se enganaria quanto à localização dele.

Se tivesse se tratado realmente de um erro de identificação do túmulo, as autoridades judaicas não teriam perdido tempo: logo iriam mostrar o corpo, no túmulo certo, e deste modo conseguiria abafar totalmente e para sempre qualquer rumores de uma possível ressurreição.

b) Ilusão ou Visão

Outra tentativa de explicação contrária a ressurreição de Cristo. Alega que as aparições de Jesus, após a ressurreição, foram ilusões ou alucinações.

Sem o apoio dos principais psicólogos que regem as aparições provocadas por alucinações, esta teoria também destoa da situação histórica, e do estado mental dos apóstolos.

Se era alucinação, então, onde se encontrava o corpo, e porque não foi apresentado? Também é importante saber que se houve alucinações, então até os guardas juntos com os seguidores tiveram alucinações também? Não é verdade. Como podiam centenas de pessoas ter a mesma visão e imagem, a um só tempo, que realmente viam a Jesus?

c) Teoria do Desmaio (Venturini)

A teoria do desmaio afirma que Jesus realmente não morreu, mas simplesmente desmaiou de exaustão, devido à perda de sangue. Todos pensaram que Ele estivesse morto. No entanto, mais tarde Ele voltou a si, e os discípulos acreditam tratar-se de uma ressurreição. Mas é impossível que um homem que fugira de um túmulo, semi-morto, e que vagueava de um lado para outro, fraco e doente, necessitado de cuidados médicos e da aplicação de bandagens às suas feridas, precisando de encorajamento e outros cuidados pudesse dar aos discípulos a impressão de que era vitorioso sobre a morte e sobre o túmulo, de que era construído a base para o futuro mistério deles. Neste caso, fraco e exausto, dificilmente teria removido a pedra pesada da porta do sepulcro e saído.

d) O Corpo Roubado

Essa teoria afirma que o corpo foi roubado pelos discípulos enquanto a guarda dormia. A depressão e o desânimo dos discípulos fornecem um argumento fortíssimo contra a possibilidade de haveres eles se tornados, subitamente, tão corajosos e atrevidos, a ponto de enfrentar um destacamento de soldados portados à beira do túmulo, para roubar o corpo. Também a teoria de que as autoridades judaicas ou romanas houvesse removido o corpo de Cristo não é mais razoável que do provável roubo efetuado pelos discípulos. Se as autoridades

mantinham o corpo em seu poder, ou sabiam onde se encontrava, então, quando os discípulos começaram a pregar em Jerusalém sobre a ressurreição Dele, por que eles não explicaram que o haviam removido? E por que não pegaram o cadáver, puseram-no numa carroça e fizeram-no circular pelas ruas da cidade? Essa medida certamente teria destruído o cristianismo. Então fica claro que Jesus ressuscitou, e também podemos afirmar segundo a Bíblia, que a ressurreição é a pedra angular, pois se Cristo não tivesse ressuscitado, vã seria nossa fé (1 Co 15.14). Se Cristo não houvesse ressuscitado, então os cristãos estariam sendo enganados durante séculos; os pregadores estariam proclamando um erro, e os fieis estariam sendo enganados por uma falsa esperança de Salvação. Mas, graça a Deus, que, em vez de ponto de interrogação, podemos colocar o ponto de exclamação após ter sido exposta essa doutrina: “Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem! Logo, entendemos que Jesus morreu por nós, agora vive por nós (Rm 8.34; Hb 7.25).

Jesus ressuscitou porque seus discípulos e quinhentas pessoas são testemunhas do fato (Mt 26.32; 28.7; 1Co 15.6). O próprio Jesus disse: “Estou convosco todos os dias” (Mt 28.20). De toda a Bíblia, é este o nosso versículo favorito. Não podemos compreender como uma única pessoa possa estar com milhões e bilhões de pessoas ao mesmo tempo, se não é Deus. E Jesus falou na linguagem mais clara possível, “Estou convosco todos os dias”.

III – Ideias Falsas Sobre Jesus

Jesus olha para os seus discípulos e faz uma pergunta geral sobre o que as pessoas dizem acerca Dele. Os discípulos respondem: “Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: ou alguns dos profetas.” (Mt 16.14). Jesus ouve as informações dos discípulos sobre Ele, daí Jesus olha para os seus seguidores e faz uma pergunta particular: “Mas vós... quem dizeis que eu sou?” (Mt 16.15). Pedro se antecipa e dá a resposta: “Tu es o Filho do Deus Altíssimo” (Mt 16.16,17). Jesus atribui essa declaração vinda de Pedro, como uma

ação do Espírito Santo. Mas o tempo passou, o que você diz ser Jesus? Hoje temos várias ideias erradas sobre Jesus que iremos apresentar.

1) O Gnosticismo

O gnosticismo surgiu no I século da nossa era. Eles se julgavam saberem explicar o sentido mais profundo da “gnose”, visando conciliar todas as religiões, levando em consideração o sincretismo.

O gnosticismo se divide em quatro classes distintas: sírio, egípcio, judaizante e pôntico. Todas as explicações deles são em termos filosóficos.

O gnosticismo de tipo sírio, encontramos em Saturnino o seu principal mensageiro. Este cidadão dizia que o Salvador não nasceu, não teve corpo nem forma, mas foi visto em forma humana apenas em aparência. No pensamento de Saturnino, Jesus veio para aniquilar o Deus dos judeus e para salvar os que nele acreditassem. E ainda mais, Saturnino, dizia: casar-se e procriar filhos é obra de satanás.

Face o perigo do ensino gnóstico para a integridade da doutrina cristológica. Irineu afirmou que os gnósticos nunca receberam os dons do Espírito Santo, e que desprezaram os profetas.

2) O Docentismo (Gr. Doceo = parecer)

O docentismo afirmava que o corpo de Cristo não passava de um fantasma; que seu sofrimento e morte eram meras aparências.

O docentismo foi combatido pelo apóstolo João quando escreveu: *“Nisto conhecereis o Espírito de Deus; todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo o espírito que não confessa que Jesus veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo...”* (1Jo 4.2,3).

Cerinto, habitante da Ásia menor, dizia que Jesus foi unido a Cristo, o filho de Deus, isso aconteceu na ocasião do seu batismo, e que Cristo abandonou a Jesus terreno antes da crucificação.

Outra teoria docética, em conexão com Basíides, ele dizia que ocorreu um engano que Simão, o cireneu, para crucificado em lugar de Cristo, escapando Jesus, desse modo, da morte na cruz.